

PERSPECTIVAS DE GÊNERO NA RECEPÇÃO DA SÉRIE *QUEEN OF THE SOUTH* A PARTIR DE DIÁLOGOS TRANSMETODOLÓGICOS

Perspectives of gender in the reception of the series Queen of the South analyzed from transmethodological dialogues

Paulo Júnior Melo da Luz*
Jiani Adriana Bonin**

Resumo: Esse texto traz reflexões, a partir de uma perspectiva transmetodológica, para pensar possíveis diálogos sobre gênero na recepção da série estadunidense *Queen of the South*. Primeiramente, são trazidas problemáticas para pensar na recepção e na investigação com os sujeitos comunicantes. Depois, é problematizado o conceito de gênero em perspectiva pós-estruturalista para refletir sobre as significações produzidas por cinco mulheres que assistem à série *Queen of the South*. Por fim, é analisada, também, a interpretação de sujeitas sobre as personagens femininas, a América Latina e a relação da série com a cidadania comunicativa. Entre os resultados da pesquisa, percebe-se a necessidade de valorizar a trajetória de cada sujeita da recepção para compreender, com densidade crítica, sua interpretação, intercambiando metodologias e saberes de diferentes áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Gênero. Recepção. Séries de televisão. Cidadania comunicativa. Mulheres latinas.

Abstract: This text brings reflections, from a transmethodological perspective, to think possible dialogues about *gender* in the reception of the American series *Queen of the South*. First, are brought problematic to think the *reception* and

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) (Brasil, RS). Bolsista (Capes). Mestre em Ciências da Comunicação e Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, também pela Unisinos. *E-mail:* juniormelodaluz@hotmail.com.

** Professora-pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). *E-mail:* jianiab@gmail.com.

Data de submissão: 30. 08. 2018

Data de aceite: 21. 11. 2018

Revisão de texto e ABNT: Maytê Ramos Pires e Vitória Brito Santos

the investigation with communicative subjects. Then, it is problematized the concept of *gender* in a post-structuralism perspective to reflect about the interpretations produced by five women who watch the series. Also, are analyzed the significations of the subjects about the female characters, the Latin America and the relation of the show with the communicative citizenship. Among the results of the research, it is perceived the need to recognize the trajectories of each woman of the reception to understand with critical density their interpretations, exchanging methodologies and know-hows from different knowledge areas.

Keywords: Gender. Reception. TV series. Communicative citizenship. Latin women.

1 Introdução

O gênero está atrelado às lógicas de poder e de saber que normatizam e regulam a sociedade, aponta Scott (1995). Em perspectiva foucaultiana, o poder estaria presente por meio de redes, que se desambigam em vários setores e camadas, sejam eles institucionais, sejam eles familiares e pessoais, que hierarquizam e geram desigualdades. Silva (2014) enxerga o gênero como algo presente em todas as coisas do mundo, como uma lente que nos permite observar comportamentos, pensamentos e regulações nas práticas sociais e profissionais. A partir dessa lente, é possível ver como personagens em séries de TV, por exemplo, estão sendo construídas e gerando interpretações nos sujeitos que as assistem.

Os papéis de liderança de mulheres em séries são recentes. Como problematizam Alves e Almeida (2015), os atributos relacionados à chefia, ou ao comando, não costumam ser retratados em mulheres nos produtos culturais, uma vez que esses estão relacionados ao universo da masculinidade. Uma série que abre espaço para visualizar e pensar nas mulheres como protagonistas em posição de chefes é *Queen of the South*.¹ A série traz personagens latinas vivendo em um contexto estadunidense, o que gera discussões acerca do tipo de visibilidade ofertada a essas pessoas.

¹ Série estadunidense produzida pelo canal *Usa Network*, que traz, em sua narrativa, três protagonistas – mulheres latinas. O eixo narrativo principal conta a história da mexicana *Teresa Mendoza* (interpretada pela atriz brasileira Alice Braga), que foge de narcotraficantes do México para os Estados Unidos. Nos EUA, ela encontra *Camila Vargas*, esposa de *Epifanio*, o traficante que quer matar *Teresa* em função de um trabalho que o namorado dela tinha com o tráfico. *Teresa* se torna aliada de *Camila* na formação de um novo cartel, ao mesmo tempo que esconde a amiga *Brenda* dos bandidos que também a perseguem. A série já teve duas temporadas, é exibida no Brasil pelo canal *Space* e está disponível na *Netflix*. *Queen of the South* é inspirada no livro *La reina del sur*, de Pérez-Reverte, e também na *supersérie* colombiana/mexicana/estadunidense *La Reina del Sur*, produzida pela *Caracol TV* em 2011.

O protagonismo latino enfrenta problemáticas nesse contexto. As mulheres ainda precisam impor sua presença para alcançar o poder, vestindo atributos do masculino e reincidindo em estereótipos de bandidas. Questões como abuso sexual, violência de gênero, trabalho escravo e narcotráfico perpassam pela narrativa da série, que conta a história de três mulheres com jornadas distintas em meio ao tráfico na fronteira Estados Unidos-México: *Teresa Mendoza*, *Camila Vargas* e *Brenda Parra*. Assim, é possível pensar em quem é a latina representada nessa história, como o gênero é percebido por mulheres que assistem à série, e como é possível perceber a cidadania sendo efetivada (ou não) nos espaços da ficção. São algumas questões que mobilizaram a dissertação intitulada *Alice no País da Cocaína: a Recepção das Personagens Latinas Narcotraficantes da Série Queen of the South*.²

A fim de entender as percepções de gênero que emergiam na série, foram entrevistadas cinco mulheres que formavam seu público. As entrevistas foram feitas em duas fases. Uma primeira que buscava conhecer as trajetórias de gênero dessas mulheres, dialogando sobre suas experiências e vivências na escola, na família e no trabalho, bem como as suas relações com a América Latina, as mídias e as séries de televisão. A segunda fase consistia em entender as percepções e interpretações que essas mulheres faziam da série *Queen of the South*, especificamente, pensando nas potencialidades de cidadania que as personagens e a narrativa traziam para visibilizar a América Latina e as mulheres latinas.

Por meio da *transmetodologia*, conforme proposta por Maldonado (2011, 2013, 2014, 2015) e Bonin (2011; 2012; 2013; 2015), a pesquisa da dissertação se construiu articulando saberes e métodos de diferentes áreas do conhecimento, tanto para refletir, contextual e teoricamente, quanto para dialogar com os sujeitos comunicantes que compõem a amostra investigada. Desse modo, mesclam-se métodos de pesquisa na internet, criando questionários iniciais de aproximação dos sujeitos em grupos do *Facebook*, com entrevistas semiestruturadas realizadas pessoalmente, que são analisadas confrontando e conversando com a teoria. A *recepção*, assim, é pensada em diálogo com a comunicação, a antropologia, a sociologia e a filosofia, intercambiando campos distintos de conhecimento.

As perspectivas teóricas de *recepção*, *gênero* e *cidadania comunicativa* dialogam entre si para entender, posteriormente, a significação de cinco sujeitas comunicantes. Entre os resultados da pesquisa, é possível perceber as formas pelas quais gênero, classe social, raça, etnia e outros aspectos

² Dissertação defendida em março de 2018, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCC) da Unisinos. (LUZ, 2018), orientada pela Professora Dra. Jiani Adriana Bonin. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7108>>. Acesso em: 18 maio 2018.

constituem as sujeitas da pesquisa e como se imbricam essas constituições pessoais com os olhares que lançam às personagens da série. Essas interseccionalidades, como pensadas por Crenshaw (2004), formam matrizes de sentidos que possibilitam (ou não) a percepção de alteridade no contato com o outro.

A série *Queen of the South* oportuniza uma experiência de reflexividade sobre gênero a partir da recepção, que também identifica a postura crítica (a partir de leituras, olhares contextualizados e interesse por temáticas de gênero e América Latina) como uma forma de cidadania. A proposta deste texto é dialogar sobre essas diferentes possibilidades teórico-metodológicas da recepção, refletindo sobre a interpretação das sujeitas investigadas, construindo, de forma intercultural e crítica, uma possibilidade de enxergar o gênero operando nas sujeitas, na série e nas possibilidades de cidadania comunicativa.

2 A transmetodologia como caminho para pensar na recepção da série *Queen of the South*

Atualmente, a pesquisa em recepção demanda constantes reconfigurações. As metodologias utilizadas na articulação das investigações com sujeitos precisam observar os contextos culturais, compreender a identidade de cada um e pensar em abordagens teórico-metodológicas que deem conta de suas complexidades. Refletindo a partir da proposta transmetodológica de Maldonado (2015), reconheço que os sujeitos são parte do processo comunicativo e, portanto, os métodos de pesquisa precisam ser confluentes, interpenetrados e cooperativos, valorizando as relações entre o teórico e o empírico. Com a *Transmetodologia*, é possível avançar em perspectivas críticas, que atravessem epistemologias, teorias e metodologias de forma transdisciplinar na produção de conhecimento.

Os vários campos da ciência convergem ao cenário da recepção. Os sujeitos comunicantes se constituem de multiplicidades de contextos e de cultura, e suas significações se realizam a partir de suas bagagens e de relação histórica constituída com as mídias. É essencial que as investigações que dialogam com as pessoas deem conta dessa diversidade de culturas e manifestações. Questionar epistemologicamente a recepção, inter-relacionando os sujeitos com as mídias, exige a proposição de concepções revigoradas, que reconheçam esse campo como dimensão de ação, reflexão, questionamento, crítica, observação e análise.

Em perspectiva cidadã, é necessário valorizar a história das culturas, transcendendo os formalismos e conservadorismos epistêmicos. O pensamento na construção da pesquisa com sujeitos precisa ser plural, a

fim de construir uma proposta teórico-metodológica que adense as inter-relações dos sujeitos com as mídias. Nas investigações empíricas que pensam as mídias alinhadas às realidades político-econômicas, os contextos socioculturais dos sujeitos permitem compreender o fenômeno concreto, como as mulheres que assistem à série *Queen of the South* e percebem manifestações, constroem identidades às latinas narcotraficantes, refletem sobre a América Latina e conectam a narrativa a questões de sua própria vivência.

O compromisso da *recepção* é com os sujeitos, ou seja, é entender como se constituem em suas multiplicidades e alteridades, valorizando seus distintos pontos de vista. Eles são cúmplices na construção do conhecimento, confluindo para pensar nas problemáticas da investigação. É apenas na confluência dos pensamentos dos sujeitos junto com o pesquisador, que se constrói uma problemática transdisciplinar, que reconhece a sociologia, a filosofia, a antropologia e a comunicação. No debate e interlocução dessas teorias e dos mundos empíricos dos sujeitos é que emerge nova episteme, transumana e renovada.

As pesquisas empíricas e teóricas precisam dialogar, assim, em uma análise cuidadosa dos dispositivos, lógicas, culturas e processos em que acontecem. Trabalhado com comprometimento, o empírico serve de base à análise teórica e epistemológica. Viva, a teoria é acionada a todo momento, sendo desestabilizada pela empiria que a penetra e forma novos conhecimentos. A ciência e a vida se fundem dessa forma para gerar epistemologias subversivas e aprofundadas, que valorizam os sujeitos e reconhecem seu papel transformador na *recepção*.

Em séries de televisão como *Queen of the South*, emergem possibilidades de compreensão de múltiplas dimensões da vida por meio das personagens. O público insere as narrativas como forma de entretenimento e reflexão em seu cotidiano, produzindo significações diversas que, na *recepção*, se descortinam ao pesquisador, exigindo análise crítica para entender essas interpretações. É preciso, porém, que se compreendam as sujeitas na complexidade política, na cultural e na social em que se encontram, sendo a *Transmetodologia* uma aliada que permite essa imersão fecunda e colaborativa.

Ao pensar que as ciências sociais se inter-relacionam com a antropologia, a filosofia e a historicidade e diferentes métodos, Corcuff (2015) auxilia a clarear a elaboração de novas epistemologias com os sujeitos. Criando diálogos entre o pesquisador e as pessoas, a *recepção* dá valor ao cotidiano e reconhece a riqueza de construir conhecimento conjunto. Desse modo, a epistemologia que emerge é fecunda, atravessada por um conjunto de múltiplos saberes.

Os ideais de cidadania, o papel dos sujeitos e a presença do ser humano no mundo são refletidos por Alves (2014) ao propor um olhar pedagógico às pesquisas que reflitam sobre a cultura. Ao entrar na vida das mulheres que assistem à série, é fundamental enxergá-las de forma analítica e sensível, com o compromisso de ver a presença da cidadania e dos caracteres humanos. Enquanto fundantes do processo comunicativo, os sujeitos estão inseridos nas problemáticas comunicacionais, construindo linguagens, gerando rupturas, oferecendo perspectivas de acordo com suas experiências e diversidades. Para compreender seus mundos, também é preciso entender como eles se constroem para efetuar a leitura de suas interpretações.

O método se faz na trajetória investigativa. Cada pesquisa demanda a adoção de estratégias específicas, que apenas se descortinam no enfrentamento das problemáticas. Criando relações com o real, chocando o fictício, o midiático e as percepções dos sujeitos, a *recepção* é capaz de repensar todo o processo comunicativo e, por isso, não pode se enquadrar em uma única metodologia. Não existe uma fórmula quando se trabalha com pessoas, uma vez que o objeto empírico de referência precisa se adaptar, transformar e recriar na leitura dos sujeitos.

É interagindo e dialogando com as pessoas que se constrói a metodologia na pesquisa com sujeitos comunicantes. O pesquisador toma a frente realizando as primeiras decisões e delineando a trajetória possível, no entanto, apenas o interpessoal e o contato efetivo com o público permite adentrar na pesquisa, transformar os sentidos e reconfigurar os trajetos. Com um olhar transmetodológico, é possível criar conhecimento comunicativo e em perspectiva cidadã, já que as estruturas se formam em conjunto, de forma solidária.

Como objeto empírico de referência, *Queen of the South* é fértil para pensar na construção da identidade das mulheres narcotraficantes latinas. A partir das reflexões dos sujeitos, é possível problematizar as questões por eles apontadas pelo viés da cidadania comunicativa. Na narrativa, é interessante perceber se a história colabora para uma visibilidade complexa das latinas, do contexto do narcotráfico e da América Latina.

A pesquisa³ que embasa esse texto teve sua fase exploratória realizada inicialmente no *Facebook*, buscando páginas ou grupos nos quais interagisse o público da série *Queen of the South*. Foram encontradas duas páginas: *A Rainha do Sul* (página brasileira fundada por fãs) e *Queen of*

³ Dissertação de mestrado de Paulo Júnior Melo da Luz, orientada pela Professora Dra. Jiani Adriana Bonin, no período de 2016 a 2018 no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Intitulada *Alice no país da cocaína: a recepção das personagens latinas narcotraficantes da série Queen of the South*, teve como objetivo central investigar as significações produzidas por mulheres às personagens narcotraficantes da série na perspectiva de cidadania comunicativa vinculada ao gênero.

the South USA Network (página oficial da série gerenciada pelo canal em que é produzida). Um questionário elaborado no *Google Forms* foi divulgado nesses dois espaços e obteve resposta de 26 sujeitos (18 mulheres e oito homens), indicando uma significativa presença feminina entre o público. Com respondentes de idades entre 15 e 45 anos, o objetivo desse procedimento era coletar alguns dados sobre o perfil das pessoas e informações sobre seu gosto por séries bem como sobre relações com *Queen of the South* e as personagens mulheres. Entre os sujeitos, estavam pessoas do Sul, do Sudeste e do Nordeste brasileiros, além de uma mulher de Portugal. A partir desses dados preliminares, destacava-se a proeminência feminina, indicando uma possível relação de gênero entre a série e o público, principalmente pela importância que atribuíam ao protagonismo da atriz Alice Braga na série e os papéis de comando entre as personagens femininas.

A partir dessa primeira imersão no campo empírico, foi realizado um segundo movimento de pesquisa exploratória, buscando aprofundar temáticas cidadãs e de compreensão do gênero feminino. O segundo procedimento foi misto, reunindo técnicas de entrevista em um *template do Google Forms*.⁴ As perguntas eram abertas para que as ideias fossem escritas livremente. Seis sujeitas, todas mulheres, que também participaram da primeira etapa, responderam completamente a esse segundo procedimento. Todas com idades diferentes, residiam em vários lugares e tinham profissões diversas. Elas dedicavam, sem exceção, algum tempo semanal para assistir às séries. Revelaram gostar de *Queen of the South* por diferentes motivos, mas especialmente pela presença de personagens femininas latinas em posição de poder e protagonismo. Ademais, o fato de ter uma brasileira no papel principal e a caracterização, por todas elas, de *Teresa* como forte e guerreira possibilitou pensar sobre a implicação do gênero como chave de significação e vínculo.

Após a fase exploratória nos espaços digitais, nas redes onde era discutida a série e já com os primeiros contatos e percepções dos sujeitos da *recepção*, foi planejada a pesquisa sistemática da investigação. A análise e a interpretação de textos audiovisuais tendem à aplicação de modelos prontos de análise, de acordo com as reflexões de Rosário. (2011).

Porém, quando se adentra o universo de sujeitos comunicantes, nenhum método pronto oferece segurança, pois oblitera, engessa e enrijece a pesquisa. O caminho metodológico da pesquisa em *recepção* deve ser autônomo, pensado a partir das singularidades da pesquisa. O pesquisador precisa reconhecer o papel do sujeito, que realiza significações a partir de trajetórias, contextos e relações particulares com as mídias.

⁴ Esse procedimento consistia em perguntas abertas, com blocos de questões que se dividiam em: relação com a série; personagens femininas; e vínculos culturais com a América Latina.

As pessoas em comunicação produzem sentidos de forma caótica e fluida, fazendo combinações e desacordos que subvertem os sistemas e processos midiáticos. (MALDONADO, 2013). Na sistematização da pesquisa, foi necessário enxergar as vivências e práticas de sentido múltiplas de cada mulher, observando todos os entornos do diálogo. É complexo o processo de escuta e análise das sujeitas, já que nenhuma conversa é previsível, porque trazem surpresas, revelações de alegria e dor. Ouvir suas histórias de vida, passando por preconceitos, *bullying*, racismo, abuso, desvalorização é duro, desestabiliza o pesquisador e demanda cuidado na hora de compreender os dados. O afeto e o respeito são necessários nos diálogos com sujeitos, aliados à objetividade científica e à humanidade que a recepção demanda.

Na fase sistemática, foram desenvolvidas entrevistas em profundidade, apenas com mulheres, uma vez que o gênero se mostrou central na perspectiva dos sujeitos da fase exploratória. Desse modo, seria possível, também, perceber como o gênero estava operando sentidos na recepção da série. As entrevistas foram realizadas todas de forma presencial, com roteiros semiestruturados, a fim de gerar proximidade e vínculo e deixar as mulheres à vontade para falar. O principal critério para escolha das sujeitas foi a proximidade física/territorial e a disposição para o diálogo. Duas delas haviam participado da fase exploratória (a quem nomeio Tiana e Lana), sendo as demais escolhidas por comentários e manifestações da assistência da série nas redes sociais e por vínculo entre amigos em comum (a quem chamo Frida, Fabiana e Kika). O nome verdadeiro das sujeitas foi trocado para manter a privacidade de suas opiniões.

A amostra se revelou diversificada entre idade/geração, orientação sexual, raça, profissão e classe social.⁵ Assim, foi possível encontrar interseccionalidades e diferentes marcadores sociais operando nas conversas. Quatro delas estão na faixa etária entre 20 e 30 anos. Uma delas é negra (Tiana); outra é branca e bissexual, de classe média (Frida); outra é branca, de classe média/alta com perfil empreendedor (Lana); e outra é branca, de classe média que estuda enfermagem (Fabiana). Kika é branca, de classe média, tem 50 anos e é mãe de três meninas.

Foram elaborados dois roteiros para as entrevistas: um para entender a trajetória de gênero de cada mulher, e outro para compreender suas relações com mídias, séries (*Queen of the South*) personagens femininas e América Latina.⁶ Enxergando essas mulheres como sujeitas de voz ativa,

⁵ Seguindo as orientações e classificações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁶ A primeira entrevista semiestruturada foi dividida em quatro blocos: 1) Perfil sociocultural; 2) Autoidentificação e trajetória de gênero (dividida em itens: Autoidentificação de gênero; Vivência de inseguranças, preconceitos, discriminações e abusos de gênero; Militância e formação educativa de gênero; Raça/etnia/classe; Educação familiar de gênero; Educação escolar de gênero; Trabalho e gênero; Modelos de feminilidade; e Cotidiano feminino); 3) Consumo midiático e de séries (dividido nos

foi trabalhada a proposta de Medina (2001) e Thompson (1992), de que devem ser valorizados saberes e práticas na construção de um diálogo cidadão. Após as conversas, os dados foram tratados com sensibilidade, tornando cada uma partícipe na construção do conhecimento.

3 Compreendendo o *gênero* em perspectiva pós-estruturalista

Se o *gênero* fosse pensado a partir da perspectiva do patriarcado, a discussão teórica desse conceito resultaria limitada e estruturada, reduzindo o pensamento complexo e a capacidade de agência dos sujeitos. Na perspectiva pós-estruturalista, não se analisa a dominação dos homens sobre as mulheres, mas se procura decolonizar as estruturas vigentes, indo além do que é dado como normal ou naturalizado. A linguagem é vista como potencializadora de desigualdades ou de luta por transformação. É por isso que este caminho é seguido: o do pós-estruturalismo.

A própria feminilidade é vista a partir de um olhar masculinista, se pensada a partir do patriarcado. O discurso colonial não entende o *gênero* como um conceito fundamental para uma ciência mais feminista e progressista, mas valoriza o discurso ocidental europeu como regente. O *gênero*, a partir de Scott (1995), precisa ser pensado como categoria epistemológica, presente em todas as coisas do mundo e relacionado ao poder. Como conceito, precisa ser percebido em tudo, nas intersecções, considerando que o poder não é algo inerente, que se tem, mas que se exerce.

As estruturas não têm um poder determinante, mas as linguagens direcionam esse poder, assim como os atributos que se consideram masculinos ou femininos. As relações, que se dão em multidimensões, são obliteradas no colonialismo, mas o *gênero* (como categoria analítica e epistemológica) permite ver que feminino não é mulher, e o masculino não é homem. O pensamento dominante não traz a verdade das coisas, já que o estruturalismo põe as coisas em caixas a partir de uma única perspectiva. É preciso ter um pensamento complexo, que descentralize o poder, que o enxergue em redes, algo que o pós-estruturalismo tenta incluir para pensar o *gênero*.

itens: Consumo das mídias; Consumo e competências de séries; e Visão sobre a presença das mulheres nas séries); e 4) Conhecimentos e significações sobre narcotráfico e a mulher na América Latina (dividido nos itens: Visões e significações; Fontes comunicacionais e midiáticas). A segunda entrevista foi constituída por quatro blocos: 1) Sentidos sobre a série; 2) Sentidos sobre a personagem Teresa; 3) Sentidos sobre outras personagens femininas da série; e 4) Relações da série e das personagens com a realidade.

As coisas são classificadas com palavras, e o poder não opera apenas em um lugar. Ele está em rede. Como problematiza Foucault (2017), poder é também saber, e o que torna uma diferença em desigualdade é a cultura e a linguagem. O masculino hegemônico explora, domina, impõe e trata com autoritarismo, sendo que é o saber dominante que dita e dá a ordem do poder. Essa noção de *poder dominante* vem de uma cultura que valoriza a força e a dominação, convencionados como atributos masculinos. Para que se valorizem os diferentes sujeitos, é preciso construir as coisas juntos e fazer emergir os atributos que se consideram femininos.

Os teóricos estruturalistas dizem que nosso corpo segue padrões observáveis, mas não refletem sobre o processo histórico-social que formou os sujeitos normatizados. O pós-estruturalismo expande o mapa da dominação, indo para o que está constituindo as pessoas, suas capacidades de agir e pensar. O gênero, assim, não é o que nos determina, mas aquilo que fazemos. Ele pensa nas linhas de fuga e nos modos de resistência, nas posições variadas que são possíveis de assumir.

Se as complexidades dos sujeitos e do conceito de gênero forem reduzidas, o paradigma binário persiste. Ao compreendermos as palavras, é preciso observar seus sentidos, ver que o poder é um híbrido atrelado ao saber, como propõe Foucault (2017). Se antes os atos de dominar e transformar eram mais importantes que compreender, hoje precisamos encontrar, na teoria, a chave para pensar nossos objetos.

Ao lermos o gênero como uma categoria descritiva, analítica, epistemológica perpassada pelo conceito de poder, temos uma visão mais ampla da organização sócio-simbólica, das linguagens e dos discursos nas suas relações de poder e como impactam as práticas sociais. Os sujeitos sociais influenciam, com sua agência, na transformação das estruturas e dos sistemas na sociedade. Gênero diz respeito a uma forma de conhecer e de produzir conhecimento sobre o mundo.

As perspectivas que trago a partir daqui são aquelas que, em processo de análise das entrevistas com as mulheres, fizeram conexão e dialogaram entre si consensualmente. São fundadas em suas reflexões durante o processo de entrevista, dialogando com as teorias e problematizações trazidas na pesquisa tanto sobre *recepção* como sobre *gênero* e *cidadania comunicativa*.

4 Leituras e interpretações sobre gênero na recepção da série *Queen of the South*

As mulheres foram silenciadas – e as marcas disso estão na *recepção*. Todas as sujeitas com quem conversei sabem que precisam lutar mais e impor quem são para serem aceitas na sociedade. Falando com Frida, Kika, Lana,

Tiana e Fabiana, foi possível constatar a forte presença do machismo no mundo. De fato, na conquista por um lugar nesse ambiente, elas se fortaleceram e aprenderam ainda mais sobre si. O lugar que, inicialmente, seria destinado aos homens, agora é também o que elas conquistam, mas em um movimento mais maduro, contestando as hegemonias.

O diálogo realizado em perspectiva cidadã com as sujeitas permitiu que fosse sendo construído conhecimento conjunto entre pesquisador e entrevistadas. Por isso, as falas das mulheres possibilitaram o encadeamento teórico-empírico necessário para pensar o *gênero* a partir da *recepção* da série *Queen of the South*. Depois de tomarem ciência de que os homens ocupam os espaços de poder hegemônicos, Frida, Kika, Lana, Tiana e Fabiana se mobilizaram. Pensaram acerca dos atributos que as deixam nessa posição e incorporaram posturas que lhes permitissem também ganhar notoriedade e reconhecimento. Os atributos considerados femininos, como emoção e sensibilidade, as ajudaram a fortalecer o lado racional, que, nas sutilezas e capacidades táticas, fogem do lado violento e impositivo da força masculina, que perde eficácia ao enfrentar reflexões com fundamento e potencial transformador.

Mesmo assujeitador, o poder não consegue subordinar, completamente, as mulheres investigadas, uma vez que elas contestam os imperativos hegemônicos da masculinidade. Em seu processo educativo e de criação doméstica, a maioria foi ensinada a ter comportamentos *femininos*, como sentar de pernas fechadas, manter boa aparência, etc. No entanto, elas não eram orientadas especificamente a que isso era *coisa de menina*. Ao longo de sua trajetória pessoal, foram se conhecendo como mulheres. Por não ter fortes referentes femininos na vida e passar por traumas na infância, Kika, por exemplo, diz que se descobriu mulher sozinha, inclusive em questões relativas à menstruação e à vida sexual. Teve que aprender a amar seu corpo e conhecê-lo para poder entender quem era como sujeita.

Lana, entretanto, incorporou mais atributos masculinos que as outras mulheres. Com uma posição de gerência de *marketing* e referentes de homem em sua trajetória de vida (pai e irmão), ela se identifica mulher, mas sua visão de mundo é mais masculina na vida e no emprego, provavelmente, pela forma como foi educada e se impôs no mundo. Mesmo sem se sentir *submissa* a um poder hegemônico, Lana assumiu esses referenciais e atributos masculinos. Isso a faz, inclusive, questionar a eficácia do feminismo, que considera estar na mesma lógica do machismo.

Tiana, Frida e Fabiana, porém, veem o feminismo como um caminho para a igualdade de gênero. Mesmo residindo em cidades diferentes, com experiências de trabalho e família diversas, elas acreditam que essa luta (pela igualdade) é de todos. Elas não precisam esconder sua identidade para ganhar visibilidade, mas interseccionar os atributos masculinos com

os femininos, se constituindo múltiplas. Frida sente atração sexual por mulheres e homens, se veste como *mulherzinha* (de acordo com sua própria fala), mas no trabalho é impositiva. Fabiana sente que é *sexualizada* pela profissão na enfermagem, mas, quando se relaciona com homens, assume uma postura firme. A negra Tiana acredita ter conquistado um espaço profissional que é, geralmente, de homens brancos.

Leituras e informações acerca de questões de gênero e a compreensão de seu contexto social auxiliam as mulheres a se compreenderem e a buscarem alternativas para mudar seu entorno. O convívio com outras mulheres e homens também ajuda a ver como a sociedade funciona. Tiana e Frida, a primeira negra, e a segunda bissexual, afirmam receber salários menores para fazer o mesmo trabalho que homens. Torna-se perceptível, então, a reflexão de Davis (2017) de que os marcadores hegemônicos de raça e sexualidade operam gerando intersecções que posicionam as pessoas em diferentes espaços de poder. Nesse caso, pessoas que fogem do padrão normativo *branco* e *heterossexual* são desvalorizadas culturalmente.

A experiência faz com que as mulheres aprendam sobre as relações sociais; o interesse por estudar a questão de gênero ajuda a pensar em modos de ajudar a sociedade e empoderar as sujeitas. Nas redes sociais, elas também encontram referentes para refletir e lutar. Lendo a história de outras mulheres, se identificam com assuntos relativos ao mercado de trabalho, à sexualidade e descobrem que existe uma trajetória comum entre elas. Isso faz com que, discordando ou concordando, elas construam novas problematizações acerca do gênero.

Para compreender o gênero, é fundamental pensar nas relações de poder. Louro (2014) argumenta que as mulheres precisam negociar seus espaços com homens, nos locais de trabalho e de vida social, porque a repressão e a censura estão hegemonicamente instituídas. Além disso, as mulheres passam por assujeitamentos, que reforçam as relações de poder de forma histórica, por meio de arranjos que suprimem as alteridades. O poder relacionado ao masculino, porém, não é exatamente reproduzido por elas. O movimento realizado é de vestir uma *máscara* masculinista para se integrar, entrando na masculinidade, mas confrontando-a, sentindo o desconforto e aparando arestas.

Compreender os contextos micro e macro a partir das apropriações midiáticas, como apontado por Maldonado (2015) também ajuda na compreensão das ofertas da série. Kika, por exemplo, reconhece que *Queen of the South* se relaciona com os sujeitos por meio de sua cotidianidade, levando a reflexões epistêmicas. Quando assiste à série, ela enxerga outras realidades e contextos, mudando seus pensamentos e construindo significados que podem levar a outras pessoas. Aquilo que vê na história pode ser compartilhado de modo a educar outros sobre gênero com base na sua própria trajetória e na alteridade da *outra*, a personagem latina.

Em geral, as mulheres entrevistadas não veem bons referentes para a constituição do gênero na mídia. Recentemente, notam um maior movimento de *empoderamento* feminino, percebendo que as mulheres são mais representadas no cenário midiático. No entanto, são poucas as séries e audiovisuais que dão a devida densidade à problemática feminina. As mulheres parecem continuar dependentes de homens e, em casos excepcionais de protagonismo, são estereotipadas de acordo com o que é aceito hegemonicamente, relacionadas ao culto da beleza, ao cuidado, à maternidade e à emotividade.

As séries demonstram ter um importante papel na construção de gênero feita pelas mulheres. Quando assistem a produtos audiovisuais com personagens femininas fortes, elas transcendem o corpo para ver a complexidade da *outra*. Conseguem, também, enxergar como o mundo vem operando na segregação dos sujeitos entre homens e mulheres. Ademais, passam a conhecer situações diferentes das suas, notando que as mulheres têm sido menos vistas e valorizadas historicamente. Na perspectiva de Alves e Almeida (2015), as séries possuem discursos narrativos que passam crenças e valores, podendo propagar hegemonias e normatividades.

A série traz algumas temáticas sobre a América Latina que são levantadas por todas as sujeitas entrevistadas, destacando-se a pobreza, o machismo e a violência. Esses problemas sociais levam à reflexão sobre uma realidade, da qual fazem parte, principalmente, as mulheres migrantes. Sem oportunidades de trabalho ou recursos financeiros, ao chegarem aos Estados Unidos, se submetem a condições de opressão e violência, como é o caso de *Teresa*, que se envolveu com o narcotráfico.

No entanto, a reflexão a partir desses problemas fica à mercê de uma narrativa que demanda maior aprofundamento. As sujeitas revelam que gostariam de ver mais situações como as das mulas da série, com densidade e potencial crítico. Falta a elas enxergar também a cultura latina, as cores e os afetos do povo, que parece reduzido a um contexto que o torna bandido, violento e rude. De acordo com Lobato (2013), a linguagem audiovisual pode simplificar o real, transmitindo apenas parcela da realidade e das culturas. Isso culmina na criação de estereótipos, que se reforçam nas cenas e tramas que empobrecem a problemática da vida real. As mulheres da série são retratadas em contextos de violência, porém as personagens permitem a elaboração de uma crítica aos papéis sociais atribuídos ao feminino.

Em *Queen of the South*, as personagens femininas geram identificação, empatia e são problematizadas pelo público. Na problemática de gênero, a *recepção* vê as interseccionalidades operando. Questões de raça, classe social e geração, que dizem respeito à vida das entrevistadas, essas são

vistas a partir do lugar de fala de cada uma e interferem nas significações que fazem. A partir das conversas com as sujeitas, se percebe que a latina costuma ser tratada como pobre e longe do padrão branco hegemônico. Sua cor de pele mais escura e as feições similares às de indígenas as colocam abaixo da hegemonia. Assim, são *excluídas* da norma por suas intersecções de raça e classe, como pensam Silva e Fonseca (2011). Essa combinação de pobreza e fenótipo as coloca como narcotraficantes, que para ascender ao poder precisam se submeter a situações que não fazem parte da realidade do grupo hegemônico.

Diferentes níveis de poder operam entre as mulheres da série *Queen of the South*. Silva e Fonseca (2011) refletem que todas as coisas no mundo estão relacionadas ao gênero. Logo, a normatividade dos atributos masculinos pode colonizar as reflexões oriundas das sujeitas. As mulheres como *Teresa* precisam ser *racionais*, corajosas e impositivas para ascender no tráfico. O gênero, porém, não depende desses atributos, e as mulheres podem se formar por múltiplas características, colocando o corpo em diálogo com a personalidade. As entrevistadas já conseguem entender que sexo e gênero se encontram em dimensões diferentes, no entanto, os atributos ainda são associados ao masculino e ao feminino.

Para que o pensamento da sociedade sobre a mulher latina sofra uma real transformação cidadã, é preciso que elas sejam vistas com igualdade, algo que a *recepção* da série ainda não consegue visualizar. Mesmo crendo na igualdade de gênero, elas não veem, hoje, essa realidade efetivada. A desigualdade salarial está presente na vida e nas experiências de todas elas, sendo que nenhuma delas recebe o mesmo salário de um homem para fazer o mesmo trabalho. Ou seja, as hegemonias são valorizadas independentemente de mérito ou capacidade, sendo os valores medidos por uma lógica masculinista e binária.

O caminho para modificar desigualdades e binarismos está nos sujeitos, no desenvolvimento da crítica e da análise, que possibilitem refletir sobre quem são e como é possível mudar a realidade. Pela educação, se pode despertar pontos de vista múltiplos, que efetivem ressignificações e interpretações capazes de transformar. As mulheres que assistem a *Queen of the South* perceberam que, ao recordarem sua própria trajetória, foram assujeitadas culturalmente, e que apenas permanecerão enquadradas nesse sistema masculinista se não romperem com o padrão estabelecido e não contestarem as hegemonias.

5 Considerações finais

As interpretações de *Queen of the South* feitas pelas sujeitas possibilitaram refletir sobre a necessidade de as mulheres se *masculinizarem* para chegar ao poder. Os comportamentos ainda precisam se formatar aos atributos considerados masculinos, para que ocorra uma ascensão efetiva e reconhecida socialmente. Aquilo que não está no *padrão* rompe com o sistema simbólico que opera no masculino ou feminino, sendo o *anormal* considerado perigoso por não manter os valores hegemônicos dominantes.

Ao serem reconhecidas as diferenças e a busca pela igualdade, se cria um caminho à cidadania. Por meio das séries de televisão, as mulheres da *recepção* conseguem enxergar uma *outra*, a latina que as representa, mesmo através de uma personagem. Da mesma forma como somos assujeitados pela nossa história de vida e dos gostos, a mídia também constrói referentes para o que devemos ser e impõe padrões a seguir.

A cidadania comunicativa ainda não é completamente efetivada na série *Queen of the South*, já que a latina representada não recebe a complexidade da mulher latina do mundo real. É necessário, porém, vê-la como uma abertura à crítica, para visualizar as potencialidades de cidadania. As problemáticas invisíveis começam a ser pautadas pela mídia e o questionamento acerca dos papéis sociais provoca para enfrentar as normatividades e a valorização das dissidências. Ao enxergamos as *outras*, a cidadania começa a ser exercitada e, conseqüentemente, a luta por uma melhor visibilidade também começa a ganhar espaço.

Queen of the South inaugura uma discussão sobre as mulheres latinas narcotraficantes e leva as sujeitas da *recepção* a vê-las a partir de uma nova perspectiva, imergindo em outro universo cultural, outro território, novas problemáticas e vidas diferentes daquela de cada uma. A cidadania começa a caminhar através da reflexão e vontade de mudar. Um audiovisual, como essa série em específico, propaga um novo contexto que pode, através da educação, lutar por igualdade, valorizar múltiplas identidades e transformar contextos.

Se superarem a lógica do mero entretenimento, as séries conseguirão mostrar os cidadãos em suas multiplicidades, hibridações e problemáticas. No entanto, aquilo que pensa Cortina (2005) sobre a riqueza humana que é valorizada ao existir um diálogo intercultural, não se realiza em *Queen of the South*. As sujeitas reconhecem e respeitam as diferenças das personagens, mas as latinas da série parecem não ser suficientemente bem-compreendidas e contextualizadas, mantendo estereótipias como a de *bandida* ou *traficante*.

Os latinos são formatados pela via dos produtos dos Estados Unidos, que parecem limitar as diversidades e mostrar um lado restrito da riqueza latino-

americana, como pensa Canclini (2008). Ao não serem reconhecidos a igualdade, a diferença e o valor do *outro*, a cidadania comunicativa não se constitui. Ainda sofrendo com o racismo, a discriminação e a xenofobia, as mulheres latinas criam indignação no público, mas a crítica social não é suficiente para que a identidade seja problematizada com a devida densidade. O público de séries precisa refletir sobre as visibilidades ou silêncios que são passados em suas narrativas. Sem a análise e a crítica, o potencial reflexivo desses produtos não transcende a assistência e não constrói a cidadania comunicativa capaz de contestar a hegemonia midiática.

Desde as interpretações e significações realizadas pelas mulheres da recepção da série, pode-se refletir que as instituições midiáticas que nos formam estão também afetadas por um olhar masculinista, que pedagogiza e coloniza nossos pensamentos. O gênero entra como uma categoria potente para pensar todas as coisas no mundo e suas operações no social. Se queremos transformar as visões redutoras do gênero, que geram muitas das desigualdades que vemos no mundo e na América Latina, é necessário ter persistência e solidariedade.

Com solidariedade, poderemos perspectivar uma união entre sujeitos que persistam na busca por um reconhecimento do gênero como instância formadora de identidades, que demanda uma lente crítica e epistemológica para ver o mundo, desde o social até o âmbito midiático. É preciso cooperar em investigações, reunir e valorizar o que é produzido, refletindo sobre gênero e mídia, para (trans)formar e dialogar entre todos os sujeitos, com um olhar não apenas de respeito, mas de valorização do *outro*.

Referências

ALVES, Ivã; ALMEIDA, Alvanita. Para o público que gosta de séries. In: _____. *Mulheres em seriados: configurações*. Salvador: Edufba, 2015. p. 7-30.

ALVES, Luiz Roberto. Comunicação, cultura e bem-público: convergências metodológicas sob desafios. In: MALDONADO, Alberto Efendy (Org.). *Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil: processos receptivos, cidadania e dimensão digital*. Salamanca: Comunicación Social, 2014. p. 101-121.

BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. *Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 19-42.

_____. A dimensão metodológica na orientação de pesquisas em comunicação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. (Org.). *Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação*. Rio do Sul: Unidavi, 2012. p. 43-57.

_____. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. In: _____; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). *Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 23-42.

_____. Desafios na construção de pesquisas de recepção em mídias digitais em perspectiva transmetodológica. In: BRIGNOL, Liliane Dutra; BORELLI, Viviane (Org.). *Pesquisa em recepção: relatos da Segunda Jornada Gaúcha*. Santa Maria: FACOS/UFSM, 2015. p. 25-29.

CORCUFF, Philippe. Que há pasado con la teoría crítica? Problemas, intereses en juego y pistas. *Revista Cultura y Representaciones Sociales*, México, v. 9, n. 18, p. 63-79, 2015. Disponível em: <<http://culturays.org.mx/revista/num18/Corcuff15.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004. Painel 1, p. 7-16.

CORTINA, Adela. *Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania*. São Paulo: Loyola, 2005.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2017.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017.

CANCLINI, Néstor G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

LOBATO, José Augusto Mendes. Os outros do Brasil na ficção: Identidade, alteridade e estereotipia na série “As Brasileiras”. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 18., 2013, Bauru. *Anais eletrônicos...* São Paulo: Intercom, 2013, p. 1-15. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0055-1.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LUZ, Paulo Junior Melo da. *Alice no país da cocaína: a recepção das personagens latinas narcotraficantes da série Queen of the South*. 2018. 222 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, São Leopoldo, 2018.

MALDONADO, Alberto Efendy. Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: _____ (Org.). *Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 277-303.

_____. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizadora. In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). *Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em comunicação*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 87-104.

_____. Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. (Org.). *Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil: processos receptivos, cidadania e dimensão digital*. Salamanca: Comunicación Social, 2014. p. 31-54.

_____. Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural. *Revista Intexto*, Porto Alegre, n. 34, p. 713-727, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/58439>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

PÉREZ-REVERTE, Arturo. *La reina del sur*. Espanha: Alfaguara, 2002.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. A via da complementaridade: reflexões sobre a análise de sentidos e seus percursos metodológicos. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. (Org.) *Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 43-65.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod_resource/content/0/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2018.

SILVA, Marcia V. da. *Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias*. Florianópolis: Insular, 2014.

_____; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. A contribuição do jornalismo para a reprodução de desigualdades: um estudo etnográfico sobre a produção de notícias. *Verso e Reverso*, São Leopoldo, v. 25, n.

60, p. 183-192, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2011.25.60.05/599>> . Acesso em: 27 ago. 2017.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.